

**N. W. Bernstein, *Silius Italicus, Punica 2. Edited with an Introduction, Translation, and Commentary.* Oxford, Oxford University Press, 2017, liv + 318pp.: ISBN: 978-0-19-874786-4.**

EVERTON DA SILVA NATIVIDADE<sup>7</sup> (*Universidade Federal de Pernambuco – Brasil;*  
*Universität Hamburg – Alemanha*)

A observação de van der Keur (2013) 473 em referência às *Púnicas* de Sílio Itálico, de que “o campo tem urgente necessidade de comentários”, passados cinco anos apenas, já pode, com efeito, ser reavaliada: para além dos comentários da obra inteira<sup>8</sup>, contam-se hoje nove comentários a livros específicos<sup>9</sup>. Um deles, lançado há pouco, em 2017, é o que trazemos à atenção nesta resenha: trata-se de *Silius Italicus, Punica 2, edited with an introduction, translation, and commentary* de Neil W. Bernstein, professor do Departamento de Clássicos e Religiões do Mundo na Universidade de Ohio.

Na sua análise minuciosa de cada verso, quase palavra por palavra, como se espera de um bom comentário, a análise do Canto 2 das *Púnicas* de Sílio Itálico de Bernstein (=B.) detêm-se com muita frequência sobre o que chama “modelo primário” (*primary model*), procurando apontar como certas *clausulae*, expressões, hemistíquios e mesmo versos inteiros se mostram herança da produção de poetas anteriores, com especial atenção à *Eneida* de Virgílio, à *Farsália* de Lucano e às *Metamorfoses* de Ovídio<sup>10</sup>; entre os contem-

---

<sup>7</sup> everton.natividade@ufpe.br.

<sup>8</sup> SPALTENSTEIN (1986/1990) e CALDERINI (2011), este último lançado no mesmo ano do comentário de Joy LITTLEWOOD (ao livro 7) que van der Keur resenha no texto citado. Adicionem-se os “três importantes comentários de DRAKENBORCH (1717), ERNESTI (1792) e RUPERTI (1795), cada um ainda um recurso fundamental para os estudiosos modernos” — BERNSTEIN (2017) xlii.

<sup>9</sup> Ao Canto 1, FEENEY (1982); ao Canto 2, BERNSTEIN (2017), objeto desta resenha; ao Canto 6, FRÖLICH (2000); ao canto 7, LITTLEWOOD (2011); ao Canto 8, ARIEMMA (2000); ao Canto 10, LITTLEWOOD (2017); ao Canto 11, MATIER (1979); ao Canto 13, VAN DER KEUR (2015); ao Canto 14, ROOSJEN (1996).

<sup>10</sup> Se alguma crítica se pode fazer à obra, aliás, é esta: a busca do modelo primário, de influências ou ecos intertextuais parece exagerar-se, em ocasiões, e ler evocações que com dificuldade acreditaríamos existir; esse é o caso, por exemplo, de “*nihil i-* pode ademais evocar *nihil illos* de Virgílio (*Aen.* 10.319)”, p. 101, em que a expressão siliana é *nihil indignus* e encontra-se em posição métrica diferente da virgiliana (esta, após cesura pentemímere; em Sílio, após cesura heftemímere), ainda que ambas as expressões se façam preceder de cesuras. Para além disso, o que de mais se poderia assinalar de “faltas” não

porâneos do poeta, destacam-se a *Tebaida* de Estácio e os *Cantos Argonáuticos* de Valério Flaco. Há ainda muitas outras obras em que o modelo primário ou a influência é assinalada, assim como se encontram exemplos de sobrevivência siliana, como a adaptação aos versos 2.461-8 em *De bello Gildonico* 21-5 de Cláudio Claudiano, mencionada às pp. 210 e 212.

O comentário está dividido em cinco grandes partes: a introdução (pp. xiii-ly); texto, aparato e tradução (pp. 2-45); o comentário propriamente dito (pp. 47-273); bibliografia (pp. 275-89); e índices (*uerborum*: pp. 291-2; *locorum*: pp. 293-314; geral: pp. 315-18). Há ainda a dedicatória (p. v), os agradecimentos (pp. vii-viii), a lista de abreviações (p. x), a lista de edições e editores (pp. xi-xii), a lista de *sigla* (p. liii).

A **introdução**, por sua vez, divide-se em sete partes: Sílio Itálico, magistrado (*consular*) e poeta; “epicizando” a História; os episódios e temas de *Punica 2*; *Punica 2* e a tradição poética; língua e estilo; métrica e prosódia; texto e tradução.

Na primeira parte, “Sílio Itálico, magistrado e poeta” (pp. xiii a xv), traça-se a biografia e uma ideia geral da forma como Sílio considerava sua produção: apoiando-se numa citação de Manuwald<sup>11</sup>, B. ensina-nos que Sílio nem se propõe a um lugar de segundo, nem professa, necessariamente, originalidade, mas antes caracteriza sua relação com a tradição em termos de construção da identidade dos próprios predecessores, à medida que os emula.

Na segunda seção, “epicizando a História” (pp. xv a xix), mostra-se como, apesar da evidente influência da historiografia, é a tradição poética que condiciona mais fortemente a narrativa siliana; uma discussão da *fides* saguntina em Sílio coteja-a com as visões que dela se depreendem em historiadores (Tito Lívio e Valério Máximo sobretudo) e rétores (Sêneca e Quintiliano).

Na terceira divisão da introdução, a mais longa, “os episódios e temas de *Punica 2*” (pp. xix a xxxvi), apresenta-se o enredo do poema a partir de seis subseções:

---

passam de nugas formais: falta o itálico a *labori* na p. 50 (linha 13); *futtile* aparece com *t* dobrado na p. 224 (linha 14); na p. 230 (linha 27), comentários aos versos 531-2, aspas simples sobram, e as mesmas aspas faltam na p. 232, no fim real do discurso de Juno (que vai do v. 531 ao v. 542), no comentário ao v. 542 (linha 36); em algumas páginas (e.g. 176, linha 3, e 255, linha 18), desaparecem os espaços entre palavras e sinais de pontuação.

<sup>11</sup> MANUWALD (2008) 89.

- i. prelúdio: a cena da embaixada (vv. 1-55), da p. xx à xxii;
- ii. a guerra entre a amazona e o protegido de Hércules (vv. 56-269), da p. xxii à xxiii;
- iii. debate no senado cartaginês (vv. 270-390), da p. xxv à xxvii;
- iv. o escudo de Aníbal (vv. 391-456), pp. xxviii e xxix;
- v. Hércules e Boa Fé, Juno e Tisífone (vv. 457-591), da p. xxix à xxxiii;
- e vi. o suicídio saguntino (vv. 592-707), da p. xxxiii à xxxvi.

Insiste-se na busca do poema por *uarietas* e na ordem dos eventos narrados, mostrando-se como a *imitatio* se desprende de seus modelos; em adição, B. trata de temas recorrentes, caros a Sílio Itálico, enquanto explora a bibliografia de forma crítica e extensiva. Questões de organização intratextual centradas em detalhes tanto internos ao Canto 2, como a observação da sequência que muda a cena do campo de batalha para o debate no senado cartaginês (p. xxvi), ou relacionando cantos, como a comparação entre personagens como Hanão e Fábio (p. xxvii), favorecem novas visões do texto. O escudo de Aníbal é discutido com relação ao seu desenho, seu momento de aparição e de última menção na narrativa, em comparação ao de Cipião e a partir da complexa focalização em que se perfaz sua descrição. Hércules, personagem central na configuração dos heróis nas *Púnicas*, tem sua ambivalência destacada, assim como a da deusa Boa Fé: são virtuosos e viciosos, auxiliares e hostis, a depender do momento em que aparecem em cena (Hércules novamente na batalha de Canas, Boa Fé durante a queda de Cápua). A figura da deusa é ainda cotejada com a da Fúria Tisífone e com a de Pã; a intervenção deste em Cápua, no Canto 13, é mais benfazeja que a da Boa Fé em Sagunto. A terceira divisão se encerra com vi., com o suicídio dos saguntinos sendo comparado a intertextos (nas *Metamorfoses* de Ovídio e na *Farsália* de Lucano) e a intratextos (o “suicídio aristocrático exemplar” dos líderes em Cápua no Canto 13), além de chamar a atenção para os reflexos desse acontecimento em todo o restante das *Púnicas*, em termos de rememorações programáticas, da visão negativa de sua exemplaridade e do seu reflexo na comparação com outras cidades sitiadas.

Na quarta parte da introdução, “*Punica 2* e a tradição poética” (pp. xxxvii a xliii), dividida em três pontos de discussão, B. centra-se na alusão plural que deriva da *Eneida*, na ligação entre o texto siliano e o de seus contemporâneos (em especial Estácio, em uma exploração detida no diálogo

entre *Punica* 2 e *Tebaida* 11, pp. xxxix e xl) e na recepção (que cobre a Antiguidade e a Idade Média, perpassando a crítica do século XVIII e o “reflorescimento da atenção erudita ao poema ao longo da geração passada”, fechando-se com considerações sobre a tradução do poema e uma nota sobre *Sónnica la cortesana* de Vicente BLASCO IBÁÑEZ).

Na quinta seção da introdução, “língua e estilo” (pp. xliii a xlvi), B. apoia-se sobretudo na concepção de LITTLEWOOD<sup>12</sup> e SANTINI<sup>13</sup>, i. e., “no habilidoso uso de Sílio de uma língua poética para além de sua adaptação de expressões distintivas da tradição épica anterior” (p. xliii) e trata de questões relacionadas à dicção e ao registro linguístico (salientando, à p. xlvi, que decidiu não aumentar os comentários gramaticais de SPALTENSTEIN<sup>14</sup>), às figuras e à ordem das palavras.

Na sexta divisão da introdução, “métrica e prosódia” (pp. xlvi a li), apoiado sobretudo em DUCKWORTH (1967) e CECCARELLI (2008), B. utiliza-se de estatísticas que servem ao estudo dos pés (destacando-se o uso de espondeu em primeiros, quartos e quintos pés), das cesuras, das cláusulas — apoiado sobretudo em ARRIBAS HERNÁEZ (1990) — e das sinalefas no verso siliano.

No ponto final da introdução, o sétimo, “texto e tradução” (pp. li a lii), B. esclarece que seu ponto de partida é a edição de DELZ (1987) e que dela se afasta em poucos lugares; explica brevemente sua concepção da tradução apresentada.

**O texto e o aparato** se encontram nas páginas seguintes (pp. 1 a 45), sempre à esquerda; a tradução, em prosa e nas páginas da direita. Como previsto por B. (p. lii), sua tradução procura oferecer uma interpretação preliminar, como se vê, por exemplo, na p. 13, em que *spumabant* (v. 163) é traduzido por “seethed”; na mesma página, a repetição de *caede* (v. 165) se perde. Curioso é o ocorrido na página 33, em que *pectora nota* (v. 515) é traduzido por “that know her”, enquanto no comentário ao verso lê-se “indication that the Saguntines’ breasts are *nota* to Fides”, uma inversão de sujeito e objeto que parece destacar involuntariamente as duas possibilidades de leitura da expressão latina. Na página 45, a tradução do período dos vv. 704-7, que se

---

<sup>12</sup> LITTLEWOOD (2011).

<sup>13</sup> SANTINI (2008).

<sup>14</sup> Cf. referência na nota 2.

estende, no original, por quatro versos (704-7), é encabeçada por “Hannibal”, rendendo o sujeito que só aparece no penúltimo verso do texto (706) na forma *inuictus... bellator*.

O comentário propriamente dito (pp. 47 a 273) é metuculoso e rico em interpretações. Bastem alguns exemplos. Há comentários de crítica textual, como, na p. 93, a justificativa da preferência por *annisa* em vez de *adnixa* no v. 123, apoiada em Sêrvio, *Aen.* 1.144. Há propostas de leitura de nomes, como o da personagem de invenção siliana, Gestar, senador cartaginês, cuja etimologia se sugere ligada a *gestare* ou a *res gestae*, na p. 162. Há perspicácia interpretativa no estudo da métrica, como na p. 165, em que *Apenninumque* (v. 333) se compara à mesma palavra (*Apenninus*) em outra posição métrica no v. 314 (nota nas pp. 156-7). Há leituras variadas da polissemia poética de um termo, como bem ilustra, na p. 192, o caso de *primae* do v. 406, em que se listam três possibilidades.

A bibliografia expande-se por quinze páginas (pp. 275-89) de referências úteis e abrangentes. Com efeito, nos extremos, contam-se desde obras que datam do século XVII (Llanos, 1605; Dausqueius, 1618; La Cerda, 1642; Ross, 1661/72, por exemplo) até obras ainda no prelo, assinaladas com *forthcoming* (Augoustakis; Bernstein; Gervais) e menções a discussões feitas *per litteras* (com van der Keur, por exemplo, à p. 88, nota aos vv. 102-5). Encontram-se também listadas as traduções de Tytler (1828) e de Ross (1661/72), menos conhecidas, mas facilmente acessíveis em rede.

Os índices finais (*verborum*, pp. 291-2; *locorum*, pp. 293-314; geral, pp. 315-8) facilitam a localização de pontos específicos neste *opus magnum*, cuja utilidade deve ir para além dos muros da academia ou dos interesses dos estudiosos de Sílio Itálico, uma vez que, junto ao de Feeney<sup>15</sup>, forma um completo guia introdutório de leitura das *Púnicas*.

### Referências bibliográficas

ARIEMMA, E. M. (2000), *Alla vigilia di Canne: Commentario al libro VIII dei Punica di Silio Italico*. Napoli, Loffredo Editore.

ARRIBAS HERNÁEZ, M. L. (1990), “Las cláusulas anómalas en la obra de Silio Itálico: estudio métrico y estilístico”: *Emerita* 58(2), 231-254.

---

<sup>15</sup> Cf. n. 3.

- CALDERINI, D. (2011), *Commentary on Silius Italicus*. Edited by Francis MUECKE and John DUNSTON. Genève, Librairie Droz.
- CECCARELLI, L. (2008), *Contributi per la storia dell'esametro latino*. Roma, Herder.
- DELZ, J. (1987), *Silius Italicus: Punica*. Estugarda, B. G. Teubner.
- DRAKENBORCH, A. (1717), *Cajii Sillii Italici Punicorum Libri Septemdecim*. Utrecht: G. van de Water.
- DUCKWORTH, G. E. (1967), "Five Centuries of Latin Hexameter Poetry: Silver Age and Late Empire": *TAPhA* 98, 77-150.
- ERNESTI, J. C. T. (1791), *Cajii Sillii Italici Punicorum Libri Septemdecim*. Leipzig: Weidmann.
- FEENEY, D. C. (1982), *A Commentary on Silius Italicus' Book 1*. Oxford, Trinity College (Tese de Doutoramento).
- FRÖHLICH, U. (2000), *Regulus, Archetyp römischer Fides*. Das sechste Buch als Schlüssel zu den *Punica* des Silius Italicus. Interpretation, Kommentar und Übersetzung. Tübingen, Stauffenburg Verlag.
- LITTLEWOOD, R. J. (2011), *A Commentary on Silius Italicus' Punica 7*. Oxford, Oxford University Press.
- LITTLEWOOD, R. J. (2017), *A Commentary on Silius Italicus' Punica 10*. Oxford, Oxford University Press.
- MANUWALD, G. (2008), "Epic poets as characters: on poetics and multiple intertextuality in Silius Italicus' *Punica*": *Rivista di filologia e di istruzione clássica* 135 (2008) 71-90.
- MATIER, K. O. (1979), *A Commentary on the Eleventh Book of the Punica of Silius Italicus*. Grahamstown, Rhodes University (Tese de Doutorado).
- ROOSJEN, P. P. K. (1996), *Silius Italicus Punica liber XIV: een commentaar*. Maastricht, Universitaire Pers Maastricht.
- RUPERTI, G. A. (1795), *Cajii Sillii Italici Punicorum Libri Septemdecim*. Göttingen: J. C. Dieterich.
- SANTINI, C. (2008), "La língua di Silio Italico: sette parametri di analisi": L. CASTAGNA e C. RIBOLDI (eds.) (2008), *Amicitiae templa serena: studi in onore di Giuseppe Aricò*. Milan, Vita e Pensiero, 1459-1479.
- SPALTENSTEIN, F. (1986), *Commentaire des Punica de Silius Italicus (livres 1 à 8)*. Genève, Librairie Droz.
- SPALTENSTEIN, F. (1990), *Commentaire des Punica de Silius Italicus (livres 9 à 17)*. Genève, Librairie Droz.

VAN DER KEUR, M. (2013), Resenha a R. J. LITTLEWOOD (2011): *Exemplaria Classica: revista de filologia clássica* 17 (2013) 473-479.

VAN DER KEUR, M. (2015), *A Commentary on Silius Italicus' Punica 13: Intertextuality and Narrative Structure*. Amsterdam, Universiteit Amsterdam (Tese de Doutoramento).

**Sophia Xenophontos, *Ethical Education in Plutarch. Moralising Agents and Contexts*. Berlin/Boston, De Gruyter, 2016, 266 pp.: ISBN 978-3-11-035036-4; ISBN (pdf) 978-3-11-035046-3.**

JOAQUIM PINHEIRO<sup>16</sup> (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra — Portugal*)

O elemento central deste interessante livro é a análise ética e moral da *paideia*, dos seus agentes e contextos socio-políticos. Com base nos *Moralia* e nas *Vitae*, a A. aprofunda o sentido ético da educação ou formação humana, identificando várias perspectivas do exercício moral, bem como dos seus interveientes, ao longo de sete capítulos. Na exposição dessa dinâmica relacional entre a ética e a *paideia*, desenvolve temas como as marcas do processo educativo no indivíduo, o valor do contexto familiar e, em particular, da relação conjugal, a *paideia* institucional, a expressão da *paideia* na *politeia* e no campo militar, e, ainda, a *paideia* à mesa, no ambiente do *symposion*. Numa sequência de matérias muito bem definida, a A. opta por uma metodologia comparativa, entre as *Vitae* e os *Moralia*, para expor o pensamento de Plutarco sobre a ética e a *paideia*.

O 1.º Capítulo, que serve, sobretudo, como enquadramento teórico, é dedicado, de forma muito objectiva, a um tema central na concepção ética de Plutarco: a *physis*. Procura-se, assim, perceber até que ponto pode a *physis* ser alterada ou se a idade condiciona a *physis*, bem como a influência da *paideia* na formação da *physis* e do carácter do indivíduo. Apesar de haver qualidades que passam de pais para filhos, a natureza pode não ser absolutamente determinante. Além disso, Plutarco parece ter alguma dificuldade em expor claramente as alterações do *ethos*, talvez por, no fundo, considerar que a *physis* humana é imutável. Ainda assim, a A. detém-se em dois processos: a *metabole* (mudança de carácter) e a *epanorthosis* (desenvolvimento ou correcção do

---

<sup>16</sup> pinus@uma.pt.